

A metáfora como possibilidade autobiográfica: um breve ensaio

Ana Carolina de Azevedo Guedes¹⁴

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Resumo

O presente trabalho visa à apresentação do ensaio de Virginia Woolf (1882 – 1941), “O Sol e o Peixe”, publicado em 1927, através de um esforço inicial de pensarmos a análise do uso da metáfora como possibilidade explicativa, utilizando como ponto de partida a experiência de leitura do conto. Tendo como mote o eclipse solar ocorrido em 1927, proponho o questionamento em torno da visão, da metáfora e da experiência do vivido frente ao uso de mecanismos ficcionais para a descrição do acontecimento. Para isto, utilizo como interlocutor a obra *Naufração com Espectador* de Hans Blumenberg. Analisando a narrativa de Virginia Woolf, a proposta é “mergulhar dentro o olho” e da experiência ali narrada, iniciando com a visão de londrinos caminhando para o norte a fim de testemunhar algo grandioso: a natureza em seu sentido mais puro e em como isso resultaria em uma experiência passível de ser narrada apenas no embate entre o indivíduo e os outros que partilham daquele momento.

Palavras-chave

Virginia Woolf. Metáfora. Literatura inglesa. Hans Blumenberg.

¹⁴ Doutoranda em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), na linha de Teoria, Historiografia e História Intelectual.

O olho é visto por muitos como o “espelho da alma” ou como a “janela” pela qual podemos entender o outro, estabelecer conexões e relações empáticas, partilhar sentimentos mútuos ou expressar desagravo com alguma situação. É surpreendente a forma como um órgão feito por músculos, lentes e nervos ganha sentidos diferenciados e é ressignificado desde o início da história da humanidade. É através dele que recebemos o mundo como imediato, é o primeiro em todos os sentidos, para nos alimentar. Ele é o guia do jogo entre olhar e ver na narrativa de Virginia Woolf em *O sol e o peixe*.

Dizemos para o olho: Atenas; Segesta; Rainha Vitória; e esperamos tão submissamente quanto possível para ver o que acontecerá em seguida. E é possível que nada apareça, e é possível que muitas coisas aconteçam, mas não as coisas que poderiam esperar (WOOLF, 2015, p. 101).

A conexão olho e memória é uma das mais influenciáveis pelo tempo já que as mudanças que o resultado dessa equação sofre, altera nossa percepção, causando novas sensações. O olho como órgão pode perder sua acuidade ao longo dos anos vividos, percebendo de forma diferente o exterior e, por vezes, acionando mecanismos da mente para obter um resultado mais detalhista, utilizando o que está guardado dentro da mente, amalgamando lembranças de modo a parecerem mais suportáveis e carinhosas com nossos sentimentos, num resgate da mente. Essa recriação tendo como base o lembrado leva a uma ficcionalidade autobiográfica do passado, ligada a uma característica presente no ser humano desde sua infância. Criamos indivíduos que nos fazem companhia durante a leitura assim como criamos amigos imaginários quando crianças solitárias. Com o tempo, a Elizabeth Bennet, de *Orgulho e preconceito*, cria uma relação empática com um ideal romântico que nos compraz em determinado período de nossas vidas. Não que Jane Austen tenha idealizado este tipo de papel para a sua obra, mas, como leitores, projetamos e buscamos nesta obra sentimentos de paz e de prazer em uma leitura leve e com conteúdo riquíssimo. Com isso, Liz deixa de ser uma personagem simples e se torna parte da ficcionalidade individual de cada leitor. Enquanto narramos a experiência de leitura, imagens são projetadas em frente aos nossos olhos de uma Inglaterra idílica, mas não fiel ao que seria a real terra inglesa.

No outro lado do parque avistara-se imediatamente a casa de Pemberley, e a estrada, virando-se bruscamente, descia em direção a ela. Tratava-se de um imponente e belo edifício, situado na encosta de uma colina, por detrás da qual se elevava uma ou outra série de belas colinas arborizadas. Defronte da casa corria um riacho de caudal regular que, represado, formava um pequeno lago. Elizabeth estava encantada. Nunca vira lugar tão bem dotado pela natureza. Ali, sua beleza natural não fora ainda adulterada por artifícios de um gosto duvidoso. Todos manifestavam sua admiração; e naquela altura Elizabeth sentiu que ser proprietária de Pemberley significava alguma coisa! (AUSTEN, 2009, p. 202).

O pequeno trecho citado acima é um dos exemplos da capacidade visual e afetiva que as obras literárias mobilizam e que se traduzem quando lidamos com um texto de cunho assumidamente autobiográfico. Nele podemos encontrar a natureza no que seria seu estado puro e projetamos mentalmente um quadro bucólico na qual o leitor se torna também como se fizesse parte da visita a Pemberley, baseando-se em uma expectativa gerada pela narrativa. Quando da leitura da obra literária é possível compartilhar do mesmo espaço de experiência, obtendo uma imagem mental similar ao “real”.

Pois um cenário só sobrevive na estranha poça em que depositamos nossas memórias se tiver a boa sorte de se juntar a alguma outra emoção pela qual ela é observada. As vistas se casam, incongruentemente, morganaticamente e se mantêm, assim, mutuamente vivas (WOOLF, 2015, p. 102).

O tempo é o grande responsável pelo aperfeiçoamento da união entre as personagens do romance e a memória. No entanto, Virginia Woolf se propõe a pensar na obra aqui proposta, numa ocasião em especial: o grande eclipse ocorrido em 1927. Uma figura dentro de outra figura: o olho vê o eclipse, mas com o que casar essa imagem para perpetuá-la? Escolhemos a obra *Naufrágio com Espectador*, de Hans Blumenberg, como interlocutor entre a reflexão da autora e a metáfora utilizada.

A manhã sombria quando o mundo real se apagou

Os ingleses na expectativa de testemunhar um evento único, criando na imagem visual gerada pela imaginação, prestes a tornar-se algo real e testemunhável coletivamente, longe do campo da especulação, seriam apenas o homem e o céu. Indivíduos são como estrelas, são vidas que resolvem por si entremear-se, segundo a filosofia de Georg Simmel. Ainda segundo o autor, como formas de criação que somos, estamos sempre prontos a estabelecer novos sistemas de contato entre nós e o resultado desta interação são constelações que irão perdurar mais do que nossa própria existência.

Se “é entre o eu e o tu que, aos olhos da consciência humana, se produz o primeiro de seus dissentimentos e a primeira de suas unificações” (SIMMEL, 2006, p. 13), podemos dizer que essa é a primeira das conexões a ser estabelecida entre os indivíduos e que depois disso, a constelação se forma e se multiplica nesse encontro. Já para Virgínia Woolf, na caminhada para o local de observação do eclipse, a autora reflete “Viemos não para nos alojar no quarto de uma pousada; viemos para umas poucas horas de intercurso incorporal com o céu” (WOOLF, 2015, p. 103). Este momento de retorno com a natureza é um dos principais

pontos de a serem incorporados dentro da narrativa sobre o eclipse, já que sob a capacidade do indivíduo de desenvolver relações sociais realiza um retorno ao estado natural do homem, que busca o próximo para garantir sua segurança diante de uma situação de perigo.

No momento em que chegam ao ponto de observação, não detemos mais símbolos de civilidade ou de individualidade. Um grupo heterogêneo unido sob o mesmo evento, o tempo passa a ser marcado pela espera e frente à expectativa do testemunho que motivaram a caminhada silenciosa em direção ao que se configurou como uma experiência fora do possível. Nesse momento de tentativa de compreensão, quase que subitamente:

O dourado aumentou por um tempo, fazendo a alvura derreter-se e virar uma gaze flamejante que se tornava frágil, cada vez mais frágil, até que, por um instante, vimos o Sol em todo o seu esplendor. Então houve uma pausa. Houve um momento de suspense, como o que precede uma corrida. O juiz com o relógio na mão, contava os segundos. Agora foi dada a largada (WOOLF, 2015, p. 105).

É na experiência da observação que se encontra o caráter que permeia todo o ensaio de Virginia Woolf, de ter vivenciado um momento único e tentar traduzi-lo da forma que lhe pareceu mais adequada. Mobiliza para isso um grande fundo metafórico a fim de agregar os sentidos, estabelecendo um constructo capaz de dar conta daquela realidade. Como nos explica Blumenberg, a metáfora encontra-se presente em experiências vividas que não alcançam uma definição absoluta, não chegam a tornar-se conceito. É dentro da metáfora que se desenrolam as análises da autora e também a resposta da leitura, que só permite que a narrativa seja revivida não só por seus leitores contemporâneos, mas também pelos apartados da experiência, seja temporalmente seja espacialmente. Isto cria a possibilidade de aprofundamento da leitura a um ponto vívido, como pode ser experimentado neste trecho de Woolf.

A sombra que se tornava cada vez mais escura por sobre o charco era como o adernamento de um barco, o qual, em vez de se endireitar no momento crítico, inclina-se um pouco mais e depois um pouco mais ainda; e de repente vira. Foi desse jeito que a luz adernou e virou e foi embora. Era o fim. A carne e o sangue do mundo estavam mortos e restava apenas o esqueleto. Ficaram dependurados abaixo de nós, débeis; pardos; mortos; mirrados (WOOLF, 2015, p. 106).

O tempo parou na visão da escuridão por segundos assustando aqueles peregrinos em sua busca pela maravilha da natureza. Quando Blumenberg nos propõe pensarmos o naufrágio da ilha de Rodes, no qual o horizonte ainda escuro só permite uma visão de figuras geométricas na praia, conseguimos visualizar este homem perdido que se guia pela resposta de outro que vive distante, diluindo a sombra da solidão e iluminando os recônditos sombrios, da sensação de estar perdido em mar aberto, sob o poder de monstros e belezas encantadoras.

Lapidamente, no outro lugar do mundo ele se ergueu; surgiu após uma segunda e terrível pausa, completasse o outro e a luz que morrera aqui tivesse se erguido de novo alhures. Nunca houve sensação igual de rejuvenescimento e recuperação (WOOLF, 2015, p. 106).

O indivíduo que testemunha o naufrágio tem a sensação do rejuvenescimento na visão da morte e vida em sua frente. O eclipse como metáfora para o fim de tudo nos desperta uma experiência próxima a de ser um espectador de um acontecimento fora de seu controle. Sua sensação de humanidade e de percepção de fim na escuridão o leva a questionar-se quanto ao sentido de sua existência. Quando a luz reaparece e ilumina os recônditos do ser humano sem futuro e predestinado a esse momento reflexivo, de impassibilidade quando as paredes que restringem o pensamento se põem em cheque. Com o reaparecimento da luz, a capacidade do homem de agir no mundo retorna.

O mundo se tornava cada vez mais sólido; tornava-se populoso; tornava-se um lugar em que um infinito número de fazendas, de vilarejos, de ferrovias encontrava guarida; até que a fábrica inteira da civilização estava moldada e modelada. Mas, ainda assim, perdurava a memória de que a terra onde nos alojamos é feita de cor; que a cor pode ser extinta; e então nos assentamos numa folha morta; e nós que agora palmilhamos a terra com segurança a víamos morta (WOOLF, 2015, p. 107).

A experiência depois de um naufrágio não é perceptivelmente a mesma, tanto para o espectador quanto para o naufrago sobrevivente. Eles se modificam como indivíduo, retirando-se de seus antigos preconceitos e aprofundando em novas formas de ressignificar suas experiências para serem catalogadas como parte da memória de perda.

Dois pressupostos determinam antes de mais a carga significativa da metáfora da navegação e do naufrágio: primeiramente o mar, enquanto limite natural do espaço de empreendimentos humanos, e, por outro lado, a sua demonização, enquanto esfera do incalculável, da ausência de lei, da desorientação (BLUMENBERG, 1990, p. 22).

O mar continuará sendo um lugar de aventura e experimentação ou se tornará um ponto de medo e temor? O espectador em algum momento deixará o porto novamente? O eclipse que demandou de seus espectadores paciência e esperança vai deixar o temor pelo fim eminente ou a expectativa pelo retorno da luz após a temível sombra dominarem sua existência? Como viver “após a destruição, calma; após a ruína, firmeza – essa talvez seja a lógica do olho” (WOOLF, 2015, p. 107) seria possível?

O tempo para novamente quando o olho enfoca dois lagartos sob a luz do Sol que acerta o aquário. A evolução está sendo confrontada pelo olho. O ser humano será capaz de entender a complexidade de criação desses animais? Todo o uso de metáforas busca uma explicação para uma nova visão do mundo frente ao possível colapso por eles testemunhado

no qual “Toda a paixão humana parece furtiva e febril ao lado desse êxtase estático. O tempo parece ter parado e estamos em presença da imortalidade. O tumulto do mundo desceu de nós como uma nuvem esfarelada” (WOOLF, 2015, p. 108).

A mesma carga de dúvidas e tentativas evolutivas no que concerne aos pensamentos encontram-se presentes no ser humano, mas nota-se a quantidade de esforço empreendido para isso, e ainda assim não é algo que transcende perpassa todos os indivíduos. Blumenberg problematiza em certa medida a capacidade egoísta do espectador, penso que essa capacidade de observar o pior acontecer e ainda assim criar um distanciamento quase filosófico a fim de incluir essa experiência no rol de coisas aprender. Mas esse distanciamento não nos retiraria da categoria de seres humanos, que podem criar empatia pelo ocorrido, para além de sua proximidade com os animais?

Na visão de Woolf:

Os poetas não são transparentes até a medula como esses peixes são. Os banqueiros não têm garra alguma. Os próprios reis e rainhas não são dotados de folhos ou franzidos. Em suma, se fôssemos jogados nus num aquário... mas basta. O olho se fecha. Ele nos mostrou um mundo morto e um peixe imortal (WOOLF, 2015, p. 109).

Como narrar o vivido?

Nossa poetisa recebeu ao longo dessa narrativa diferentes referenciais e tornou sua experiência porosa afim de que possamos criar empatia pelo ocorrido? Defendemos ao longo dessa pequena experimentação que o naufrágio e o eclipse são como formas limite para lidar com o fim ou mesmo com a ideia do confronto com outro ser humano. A metáfora de sermos náufragos no mundo pressupõe que tivemos experiências que nos levaram ao mar assim como os ingleses foram levados ao norte para ver o espetáculo que ali se anunciava: a curiosidade. A curiosidade como um motor é algo que nos aproxima (como indivíduos) assim como o olho. E, “É apenas a curiosidade que leva os homens a contemplar da margem o barco com aflição no mar” (BLUMENBERG, 1990, p. 55). O ato de ver algo nos aproxima de uma possibilidade de aprendizado aliando o sentido do outro ao meu e criando uma nova percepção em torno do vivido.

O indivíduo simmeliano, vivendo no período da Primeira Guerra Mundial, está em um momento de quebra com o seu antecessor direto sobre diferentes aspectos, seja no que tange ao dinheiro quanto ao amor. A necessidade de compreensão se multiplica e se cola com os sentidos desenvolvidos para aquele momento. A experiência do naufrágio e do eclipse para mim se combinam nesse momento: o indivíduo que aprende e para além da crueldade e do

medo presentes no momento, como elaborar sentimentos sobre o visto e o vivido e que busca nas narrativas autobiográficas, um meio de expressão.

O naufrago aprende sobre o seu naufrágio e sobre estar na beira do mar observando o espectador em algo combinado e recíproco. Os dois compartilham do naufrágio, os dois estão afundando juntos, por compartilham de um momento único que não pode ser reproduzido ou explicado. O eclipse diz muito sobre o observador quando se une a observação de sua reação e do seu grupo (não esquecendo o caráter coletivo do espetáculo natural).

É somente pela curiosidade e pela possibilidade de se expressarem como espectadores que nos pusemos tão perto do palco. A linha que separa o naufrago do homem em terra firme é pequena e dependente da capacidade do indivíduo sair do seu lugar moral superior. A metáfora aqui torna essa experiência mais palpável. Como compreender o naufrágio com espectador sem assimilar toda a sorte de pensamentos e sentimentos que unem esses dois indivíduos? O terror do naufrago, a curiosidade do observador, o sentimento de suspensão do tempo para ambos. O perigo é algo dado quando embarcamos e quando nos pomos próximos do mar.

A segurança do espectador é ameaçada pela figura do gênio mau que o poderia lançar ao mar – o todo desenrola-se no quadro deste dualismo da providencia e do gênio mau. A metáfora é apenas uma figura de uma figura. (BLUMENBERG, 1990, p. 64).

O terror só pode ser compreendido com figuras que possibilitem ao indivíduo entender o ocorrido. Quando Woolf enquanto caminha para o local de observação do eclipse afirma:

Estava tudo muito pálido. O rio estava pálido e os campos, repletos de grama e de flores em pendão que deveriam ter sido vermelhas, não tinham nenhuma cor, mas ficavam ali sussurrando e ondulando em torno de casas descoloridas (WOOLF, 2015, p. 103).

O campo pálido esperava pela luz do Sol que a iluminasse e a aquecesse trazendo cor e vida às flores e detendo seu significado. Durante a concepção desse trabalho refletimos sobre as fontes mobilizadas e, pudemos nos tornar também observadores do naufrágio porque através dessa metáfora encontramos um tema que ressignificasse as metáforas. Vimos no eclipse narrado por Virginia Woolf um tipo de naufrágio, com a peregrinação em busca de um fenômeno raro e que pôde nos dizer um pouco mais sobre a natureza humana.

A escolha para esse ensaio em particular, foi a capacidade de, na narrativa de um acontecimento do dia 29 de junho de 1927, Virginia ter conseguido criar uma metáfora onde na corrida do Sol e das nuvens, a estrela só venceria se coberta apenas pela Lua. Woolf

conseguiu observar os apenas últimos cinco segundos do eclipse total, mas gerou esse texto de riqueza poética ímpar e que aqui tentei criar uma interpretação diferenciada. O eclipse e o naufrágio, como boas metáforas que são, podem ser figuras de diferentes figuras e que somente o olho de cada indivíduo pode unir e realizar.

É na narrativa autobiográfica que metáfora se realiza para muitos dos escritores. Temos como exemplo para esta experimentação o texto de Virginia Woolf, num compêndio reunido sob o nome de *Momentos de vida* no qual a autora busca explicar seu método de escrita sobre a ideia de uma arte a ser aprimorada com um processo criativo similar às ondas. Essa imagem presente recorrentemente nas obras ficcionais de Woolf, das ondas que se quebram na costa, advém de seus verões na França que a mesma apresenta como os momentos mais felizes de sua existência e que inclui uma reflexão sobre a atividade de escrita sobre seu passado.

Deparo, neste ponto com uma das dificuldades dos autores de memórias, uma das razões por que muitas – embora eu tenha lido muitas – fracassam. Elas deixam de fora a pessoa com as coisas aconteceram. A razão disso é que é muito difícil descrever qualquer ser humano, então eles dizem: ‘Foi isso o que aconteceu’; mas não dizem como era a pessoa com quem aconteceu. E os eventos significam muito pouco, se não soubermos primeiro com que eles aconteceram (WOOLF, 1986, p. 76).

Por isso muitos autores optam pela representação do vivido como o visto. O temor pela presença ficcional perpassa a produção de conhecimento de forma tão sólida que impede as interpretações que se aproximem da linha tênue que separa conceito e metáfora. Dentro de toda metáfora existe um conceito em gestação que pode ou não encontrar seu momento de nascimento, e o mesmo se pode dizer do conceito. São como Luiz Costa Lima afirma em sua obra *Eixos da Linguagem* (2015), eixos de linguagem que não se encontram, mas que se mantêm próximos. O trabalho com a metáfora se afirma com uma forte carga do ficcional, sem que seja necessário que a exclua dos chamados trabalhos científicos por sua capacidade de estabelecer contato com a experiência quando ainda sem o distanciamento temporal desejado.

O esforço de nossa pesquisa se pauta em perceber como a metáfora está presente em cada esforço reflexivo, sendo possível nos libertamos dos usos factuais e incluir as imagens e as metáforas como alternativas ou complementos ao conceito em nosso fazer científico.

Referências:

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Jean Melville. São Paulo: Companhia Martin Claret, 2009.

BLUMENBERG, Hans. **Naufrágio com espectador**: paradigma de uma metáfora de existência. Tradução: Manuel Loureiro. Lisboa: Vega Limitada, 1990.

LIMA, Luiz Costa. **Eixos da linguagem**: Blumenberg e a questão da metáfora. São Paulo: Iluminuras, 2015.

SIMMEL, Georg. **A filosofia do amor**. Tradução: Eduardo Brandão. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WOOLF, Virginia. **O sol e o peixe**: prosas poéticas. Seleção e tradução Tomaz Tadeu. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. **Momentos de vida**. Tradução de Paula Maria Rosas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

THE METAPHOR AS AN AUTOBIOGRAPHICAL POSSIBILITY: A BRIEF ESSAY

Abstract

Página | 55

The present paper aims to present the Virginia Woolf essay (1882-1941), “The Sun and the Fish”, dated 1927, through the analysis of the use of metaphor as an explanatory possibility, using as a starting point the experience of reading the tale. Having as a motto the solar eclipse occurred in 1927, I propose the questioning around the vision, the metaphor and the experience of the lived before the use of fictional mechanisms for the description of the event. For this, I use as interlocutor the work *Shipwreck with Spectator* by Hans Blumenberg. Analyzing Virginia Woolf’s narrative, the proposal is to delve into the eye and the experience narrated there, beginning with the vision of Londoners walking north to witness something grandiose: nature in its purest sense and how it would result in an experience likely to be told only in the clash between the individual and the others who share the moment.

Keywords

Virginia Woolf. Metaphor. English literature. Hans Blumenberg.

Recebido em: 31/03/2017

Aprovado em: 21/08/2017